

16/12/2016 às 05h00

Com a cabeça nas nuvens

Por Elaine Guerini | Para o Valor, de Toronto

O público é arrebatado já na sequência inicial de "La La Land - Cantando Estações", momento em que o primeiro número musical, ambientado em autoestrada de Los Angeles, costuma ganhar aplausos. Presos no engarrafamento, uma paisagem corriqueira para quem mora na meca do cinema, os motoristas abandonam seus veículos, espantando a frustração enquanto cantam e dançam no capô dos carros ao som de "Another Day of Sun".

Ao resgatar a aura mágica e romântica dos antigos musicais para contar uma história com personagens e cenários contemporâneos, o longa-metragem vem enfeitando a plateia, a crítica e a indústria - o anúncio dos indicados ao Oscar é em 24 de janeiro, e "La La Land" já vem sendo cotado por especialistas como provável integrante da lista de candidatos a melhor filme.

"Talvez o musical prove que o espectador não está saturado de histórias de amor à moda antiga, como Hollywood parece pensar, pela abordagem tão cínica nos dias atuais", diz o diretor Damien Chazelle, de 31 anos, um dos principais nomes do cinema independente americano desde "Whiplash: Em Busca da Perfeição" (2014). "O que há de errado em subir o volume da música de orquestra quando o casal se beija pela primeira vez?", pergunta Chazelle.

Com estreia agendada para o mês que vem nas telas brasileiras, "La La Land" lidera as indicações no Globo de Ouro, o prêmio concedido pela Associação de Correspondentes Estrangeiros de Los Angeles. O filme concorre a sete prêmios - diretor, roteiro, comédia ou musical, ator (Ryan Gosling) e atriz (Emma Stone) da categoria, canção original e trilha sonora. Desde a sua première mundial, no Festival de Veneza, em agosto, já são quase 50 indicações e cerca de 30 prêmios, entre eles o Critics' Choice de melhor filme, o troféu concedido pela Associação de Críticos de Nova York, e o prêmio de público entregue no último Tiff, o Festival de Toronto - estatueta recebida por outros títulos cujas carreiras culminaram com a conquista do Oscar, como "Quem Quer Ser um Milionário?" (2008), "O Discurso do Rei" (2010) e "12 Anos de Escravidão" (2013).

"O que há de errado em subir o volume da música de orquestra quando o casal se beija pela primeira vez?", diz o diretor Damien Chazelle

ideia é voltar a fazer o que só era permitido nos antigos musicais. A diferença é que aqui os personagens terão um destino mais condizente com a vida real, e não com o mundo cor-de-rosa daqueles clássicos."

Apesar da atmosfera de sonho, a começar pelo título ("La La Land" exprime a ideia de ter a cabeça nas nuvens), a história retrata as decepções de Mia e



"É uma história de amor, em que o canto e a dança apenas complementam a jornada emocional dos personagens", diz Ryan Gosling, que faz par com Emma Stone em "La La Land"

Cultura & Estilo

Últimas Lidas Comentadas Compartilhadas

Ver todas as notícias

SSD UV400
VELOCIDADE E DESEMPENHO COMO NUNCA!

SAIBA MAIS

À mesa com o Valor

Entrevistas



ADÉLIA PRADO
A poesia em estado divino

03/02/2017 às 05h00



AMYR KLINK
Mar, doce lar

27/01/2017 às 05h00



JOÃO H. DE ORLÉANS E BRAGANÇA
A vida real da realeza

20/01/2017 às 05h00



MARIANA XIMENES
Uma vida de reinvenção

13/01/2017 às 05h00



RICARDO ALMEIDA
A medida da elegância

06/01/2017 às 05h00

Sebastian, um casal de namorados que tenta vencer em Hollywood. Ela (Emma Stone) é uma aspirante a atriz contratada como barista de cafeteria situada nos estúdios da Warner, atendendo por vezes as celebridades que povoam a sua imaginação. Ele (Ryan Gosling) é um pianista de jazz que gostaria de abrir uma casa noturna, mas ganha a vida tocando em restaurantes onde ninguém se importa com a música. "Fizemos um musical que até quem não gosta do gênero consegue apreciar. É uma história de amor, em que o canto e a dança apenas complementam a jornada emocional dos personagens, sem que isso represente um desvio na narrativa que pudesse afugentar o espectador", diz Ryan Gosling, de 36 anos.

Historicamente, foram poucos os musicais que conquistaram o Oscar de melhor filme e ainda impressionaram nas bilheteiras. O último caso foi o de "Chicago", o grande vencedor da cerimônia de 2003, que arrecadou mais de US\$ 306,7 milhões mundialmente. "A Noviça Rebelde", reconhecido como o musical de maior sucesso da história do cinema, levou o prêmio da Academia em 1966 e obteve renda de US\$ 158,6 milhões nos EUA.

Com o valor reajustado pela inflação (subindo para US\$ 1,2 bilhão), a produção estrelada por Julie Andrews representa a terceira maior bilheteria de todos os tempos em território americano, perdendo apenas para "...E o Vento Levou" (1939) e "Guerra nas Estrelas" (1977). A última vez em que uma produção do gênero brigou pelo Oscar principal foi em 2013, quando "Os Miseráveis" teve oito indicações, somando mais tarde US\$ 441,8 milhões de renda. "Os membros da Academia, assim como o público e a crítica, não são necessariamente avessos a musicais. Eles só precisam ser benfeitores, como é o caso de 'La La Land', que presta homenagem aos clássicos ao mesmo tempo em que avança o gênero com as próprias invenções", afirma o crítico de cinema Glenn Whipp, do jornal "Los Angeles Times".

Para o crítico, que atua na área há mais de 20 anos, os musicais são resgatados de tempos em tempos nas telas por levarem a sério o escapismo, uma das eternas razões de ser do cinema. "O gênero nos dá a chance de fugir da vida cotidiana, sugerindo um mundo muito mais alegre, onde as pessoas cantam, dançam e podem até driblar a lei da gravidade. Quem nunca quis estar no lugar de Gene Kelly, mesmo com os seus sapatos encharcados em 'Cantando na Chuva'?"

Antes da filmagem, os atores de "La La Land" ensaiaram os números musicais durante três meses. "Damien me convidou para o filme depois de me ver nos palcos, em 'Cabaret', na Broadway", conta Emma Stone, de 28 anos, referindo-se ao musical em que atuou entre 2014 e 2015 no papel de Sally Bowles, eternizado no cinema por Liza Minnelli. Uma das sequências preferidas de Emma é o dueto dos amantes, quando eles cantam juntos pela primeira vez, durante um número de sapateado rodado ao ar livre, em uma rua de Hollywood Hills com vista para a cidade. "Filmamos dois dias na chamada 'hora mágica', ao entardecer, quando LA ganha uma aura luminosa, perfeita para os amantes sonhadores", diz Emma, ganhadora do prêmio de melhor atriz no Festival de Veneza pela performance.

Todo o filme é concebido como uma carta de amor a Los Angeles (outro motivo para agradar aos membros da Academia, residentes locais). Cartões-postais como o observatório de Griffith Park, as torres de Watts, a ferrovia Angels Flight e o Rialto Theatre integram as locações. "Declaro o meu amor pela cidade, pelo cinema e pelo jazz. Era o mínimo que eu podia fazer depois de espalhar tanto ódio no meu filme anterior", brinca Chazelle, indicado ao Oscar de melhor roteiro adaptado por "Whiplash", sobre a relação inflamada entre professor e baterista. "Talvez assim eu encontre um equilíbrio no meu próximo filme."

Tweet

Share

1

G+

0

Q



Videos



Direção autônoma do Tesla não é muito eficiente no Brasil
03/02/2017



Lançamentos

Livros, músicas e filmes



CD
Neil Young defende índios
BBB



CD
"Havana Moon"
BBB



CD
"Elis" (trilha sonora)
BBB



DVD
Best-seller à moda Tim Burton
BBB



DVD
"Janis: Little Girl Blue"
AA+

Legenda AAA Excepcional BBB Acima da média
CCC Baixa qualidade AA+ Alta Qualidade
BB+ Moderado C Alto Risco

